



O ESTRUTURALISMO NA ARQUEOLOGIA DO SABER: EPISTEME COMO ESTRUTURA – HISTÓRICA

Pedro Ragusa*

Universidade Estadual Paulista - UNESP

pedroragusa@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar como a pesquisa arqueológica de Michel Foucault foi desenvolvida a partir de um interesse em mostrar como se constituíram historicamente as relações discursivas sobre os saberes através de uma perspectiva estrutural. Assim, pode-se dizer que existiu um estilo de análise estrutural que serviu de aporte para a prática de suas histórias arqueológicas nos anos sessenta. Tendo em vista que Michel Foucault, desenvolveu sua pesquisa arqueológica nos anos sessenta pela introdução de análise Estruturais no domínio da história das ciências pôde realizar um conjunto de descrições histórico-estruturais sobre as relações discursivas entre os saberes em diferentes períodos históricos, chamados por ele de Episteme.

PALAVRAS - CHAVE: Metodologia – Arqueologia – Estruturalismo – Episteme.

STRUCTURALISM IN THE ARCHEOLOGY OF KNOWLEDGE: EPISTEME AS STRUCTURE - HISTORICAL

ABSTRACT: The aim of this article is to show how Michel Foucault 's archaeological research was developed from an interest in showing how historically the discursive relations about knowledge were constituted through a structural perspective. Thus, it can be said that there existed a style of structural analysis that served as contribution to the practice of his archaeological histories in the sixties. Considering that Michel Foucault developed his archaeological research in the sixties by the introduction of structural analysis in the domain of the history of the sciences, he was able to make a set of historical-structural descriptions about the discursive relations between the knowledge in different historical periods, called by him of Epistemes.

KEYWORDS: Methodology - Archeology – Structuralism – Episteme.

INTRODUÇÃO

* Doutorando em História pela linha de pesquisa, Cultura, Historiografia e Patrimônio, pelo programa de Pós Graduação da Universidade Estadual Paulista (Unesp – Assis), Bolsista CAPES-CNPq. Pesquisa orientada pelo professor Dr: Hélio Rebello Cardoso Junior.

O objetivo do presente artigo é mostrar, como Michel Foucault, a partir de sua tomada de posição diante do estruturalismo como um *teórico não especialista*¹, esteve interessado durante os anos sessenta em conhecer rupturas, transformações e diferenças histórico – epistemológicas entre os saberes através da introdução de análises estruturais em sua pesquisa arqueológica. O filósofo afirmou em uma entrevista na Tunísia em 1967, ter introduzido e utilizado elementos *teóricos – metodológicos* reconhecidos como “*estruturalistas*” para o estudo das relações discursivas entre os saberes de uma época com a introdução do conceito *de Episteme*.²

A posição de Michel Foucault relativa a introdução e uso do método estruturalista em *As Palavras e as Coisas*, partiu de um interesse de pesquisa delimitado pela problemática sobre as sucessões e rupturas históricas entre as Epistemes. Contudo, o filósofo não se dedicou a escrever um texto específico quanto ao seu uso sobre o Estruturalismo, bem como sobre as diferentes apropriações e abordagens do estruturalismo como fez Deleuze.³ Na verdade, ao contrário disso, pode-se encontrar na *Conclusão* de *A Arqueologia do Saber*, um posicionamento epistemológico posto por um esforço teórico para dissociar seu método arqueológico do Estruturalismo.

Mas, mesmo tendo assumido posição contrária a compreensão de sua pesquisa como uma prática estruturalista, suas ideias e escritos sobre o estruturalismo enquanto programa de pesquisa teórico – metodológico, etapa da história do pensamento científico ocidental e produto da cultura intelectual contemporânea, estão dispersos em um conjunto de textos publicados principalmente nos anos seguintes ao lançamento de *As Palavras e as Coisas* entre 1966 e 1970.

Assim, a hipótese que serviu de fio condutor para esse artigo pode ser definida pela seguinte formulação: Michel Foucault, momentaneamente, durante a prática da

¹ FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011. p.59.

² “O que tentei fazer foi introduzir análises de estilo estruturalista em domínios dos quais elas não haviam penetrado até o presente, ou seja, no domínio da história das ideias, da história dos conhecimentos, da história da teoria”. Cf: FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011. p.59.

³ DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Idéias e Doutrinas**, volume 8, O Século XX. São Paulo. Zahar Editora. 1974.

arqueologia dos saberes desenvolveu um método para a descrição histórica - estrutural dos saberes ocidentais mediado por uma linguagem estruturalista e por um objeto estrutural através da noção de Episteme.

EPISTEME: UMA ESTRUTURA – HISTÓRICA PARA UM ESTRUTURALISMO SEM ESTRUTURAS

As descrições arqueológicas desenvolvidas em *As Palavras e as Coisas*, representaram a “tendência mais próxima do estruturalismo”, essa aproximação ao estruturalismo correspondeu a tentativa de praticar um estilo de análise que lhe permitiu encontrar exclusivamente a nível de uma descrição discursiva, quais foram “as regras estruturais que regem apenas os discursos”. Para o filósofo, essas regras estruturais não determinam a existência de um sistema ou modelo onde estariam os discursos sobre os saberes, mas sim, *as práticas discursivas* que possibilitam o aparecimento dos saberes em *diferentes épocas históricas*. Para desenvolver essa problemática, Foucault se esforçou para reter os aspectos formais das relações discursivas, “(...), isto é, ele deixou de lado seu interesse pelas instituições sociais e se concentrou quase exclusivamente, no discurso, sua autonomia e suas transformações descontínuas”.⁴

Assim, realizando uma prática de pesquisa semelhante a um estruturalista, Michel Foucault, tentou separar, e isolar ao máximo possível as relações discursivas entre os saberes chamadas de Epistemes, para, posteriormente através da formalização das relações discursivas internas a cada Episteme descobrir as regras estruturais de auto-regulamentação dos discursos. Como afirmou Foucault:

Tal análise, como se vê, não compete à história das ideias ou das ciências: é antes um estudo que se esforça por encontrar a partir de que foram possíveis os conhecimentos ou teorias, segundo qual espaço de ordem se constituiu o saber; na base de qual a priori histórico e no elemento de qual positividade puderam aparecer ideias, constituir-se ciências, refletir-se experiências em filosofias, formar-se racionalidades, para talvez se desarticulem e logo desvanecerem (...) ao trazer a luz outra Episteme.⁵

⁴ DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010. p. 20 -21.

⁵ FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. 9ª Edição. São Paulo. Editora: Martins Fontes. 2007. p. XVIII.

O conceito de *Episteme*, pelo qual Michel Foucault foi associado ao *Estruturalismo*, foi apresentado em 1966 de forma literal em sua produção bibliográfica, contudo as referências à noção de Episteme já haviam sido anunciadas teoricamente nas pesquisas arqueológicas anteriores sobre a *loucura* e a *prática médico – científica*. Essa noção conceitual, como mostramos anteriormente foi erroneamente reconhecida e recebida por certos críticos da inteligência francesa como uma variante para o termo Estrutura⁶, razão pela qual posteriormente o termo acabou sendo suprimido de seu vocabulário, justamente para dissociar sua pesquisa do Estruturalismo strito senso. Logo, o filósofo utilizou-se do conceito de Episteme sem apropriar-se de forma sinônima a noção conceitual de *Estrutura*.

Dessa maneira, a Episteme além de objeto para a arqueologia dos saberes no livro de 1966, definiu o campo de análise para arqueologia de *As Palavras e as Coisas* como um conceito operatório reconhecido numa perspectiva histórico-estrutural para uma história das ciências. Através das descrições arqueológicas foi possível mostrar as transformações históricas destituídas de uma noção linear e progressiva sobre os saberes ocorrida no nível das relações discursivas, existindo três campos epistemológicos estruturalmente e historicamente definidos como: Episteme Renascentista: Idade da Similitude; Episteme Clássica: Idade da Representação e Episteme Moderna: Idade da Interpretação.⁷

Antes de mostrarmos como o conceito de Episteme, no centro da problemática da arqueologia dos saberes fez referência a uma análise do tipo Histórico – Estrutural,⁸ vamos mostrar em que medida esse conceito não pode ser qualificado como um conceito Estruturalista a partir de uma noção de Estrutura em *strito senso*, e como para a pesquisa arqueológica a noção de Episteme correspondeu a uma apropriação *histórica* sobre o Estruturalismo.

⁶ DOSSE, François. História do Estruturalismo. O campo do Signo. Bauru. Editora. Edusc. 2007. E também com: DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Idéias e Doutrinas**, volume 8, O Século XX. São Paulo. Zahar Editora. 1974.

⁷ GREGOLIM, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos e duelos**. São Carlos. Editora: Claraluz. 2006. p. 79 – 80.

⁸ MADARASZ, Norman R.; JAQUET, Gabriela M.; FÁVERO, Daniela N.; CENTENARO, Natasha (Orgs.). **Foucault: leituras acontecimentais**. [recurso eletrônico] / Norman R. Madarasz, Gabriela M. Jaquet, Daniela N. Fávero, Natasha Centenaro (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora: Fi, 2016.

EPISTEME: ESTRUTURA HISTÓRICA E DESCRIÇÃO ARQUEOLÓGICA

A definição conceitual sobre Estruturas que possam ser compreendidas através da introdução de modelos ideais, universais e sistêmicos em diversos aspectos da realidade empírica, correspondeu a uma prática científica bem sucedida em diversas disciplinas científicas nos anos cinquenta e sessenta a partir dos estudos originários com a linguística. Mas em *As Palavras e as Coisas*, apesar de aparente proximidade conceitual, o objeto chamado de Episteme não deve ser associado a tradicional noção de *Estrutura* presente no *Estruturalismo da linha de Saussure*.

A noção conceitual chamada por *Episteme* foi introduzida e utilizada por Michel Foucault de maneira *oposta* quanto ao seu significado como a também por sua função explicativa com relação ao conceito de Estrutura oriundo com a linguística estrutural. A noção conceitual de *Estrutura* utilizada pelos estruturalistas herdeiros do pensamento de Saussure, define-se por um objeto ele mesmo Estrutural e que existe enquanto uma forma, ou, um *modelo sistêmico*⁹ referente a um conjunto inter-dependente e articulado por elementos, isto é, a própria estrutura.

Assim, a noção conceitual de Estrutura delimitada pela linguística estrutural possui, do ponto de vista da metodologia científica, uma função muito precisa, pois, sua *função* explicativa sobre a realidade faz referência a uma perspectiva conceitual universal e sistêmica, dessa maneira, independente da realidade empírica a ser analisada, o conceito teórico de Estrutura remete a compreensão de determinado objeto como um *conjunto* ou *modelo*, o qual não deve ser alterado historicamente, assim, independente dos elementos que possam ser articulados e relacionados no conjunto, o modelo permanece, seja como por exemplo, uma Estrutura linguística, social, familiar ou psíquica.

Contudo, a delimitação conceitual de Estruturas universais que possam servir para descrever e explicar a realidade tal qual ela é, a partir de modelos sistêmicos, pressupõe a caracterização dessas Estruturas como um conceito teórico posto por uma perspectiva sincrônica sobre a dimensão temporal. Nesse sentido, a noção de Estrutura foi comumente utilizada sem uma preocupação com mudança temporal e os acontecimentos de transformações e rupturas, dessa maneira, o conceito tornou-se

⁹ DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Idéias e Doutrinas**, volume 8, O Século XX. São Paulo. Zahar Editora. 1974.

tributário de uma perspectiva temporal reconhecida como *a-histórica*, onde os acontecimentos históricos não são relevantes como critérios explicativos para serem conhecidos cientificamente, visto, que a mudança histórica ocupa um nível superficial de explicação nessa realidade estruturada.¹⁰

É justamente essa perspectiva Estruturalista sobre o conceito de Estrutura que não pode ser associada a noção de Episteme, ao menos na maneira com a qual Foucault à tenha introduzido no livro de 1966. Ao contrário da tradicional noção de Estrutura derivada do curso de Saussure, o conceito de Episteme *não foi empregado* com o interesse em mostrar os discursos sobre os saberes como elementos internos de *Estruturas universais, sistêmicas e anti - históricas*. O filósofo não descreveu estruturas atemporais, mas, preocupou-se em descrever as condições históricas de possibilidade para o aparecimento das regras estruturais que regem apenas o discurso.¹¹

Michel Foucault utilizou do conceito de Episteme com a intenção de mostrar as *transformações históricas* a partir das *rupturas* que provocam não a unidade discursiva num sistema fechado como o dos discursos sobre os saberes, mas, seu interesse foi mostrar a dispersão de sentidos dessas relações discursivas sobre os saberes, assim; “dispersão mais do que Estruturas, que se impõe a nós sem que possamos compreendê-lo ou percebê-lo”.¹²

Nesse sentido, a típica noção de Estrutura Linguística desenvolvida pelos Saussurianos, delimitou um estilo de estruturalismo conhecido como *atomista*, o qual, não corresponde a mesma noção conceitual que Michel Foucault propôs com a noção de Episteme ao realizar sua arqueologia dos saberes. Foucault não procurou conhecer e mostrar a existência de uma Estrutura para a acomodação dos discursos sobre os saberes, mas sim, *as regras para a organização dos discursos*, visto que estes são modificados historicamente, assim, o objeto estrutural de Foucault como mostrou Deleuze, *é móvel espacialmente¹³ e modificável historicamente*.

¹⁰ DOSSE, François. **História do Estruturalismo**. O campo do Signo. Bauru. Editora: Edusc. 2007.

¹¹ DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 20 - 21.

¹² VEYNE. Paul. **Foucault, seu Pensamento, sua Pessoa**. Rio de Janeiro. Editora. Civilização Brasileira. 2011. p.173

¹³ DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia**: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX. São Paulo. Zahar Editora. 1974.

Dessa maneira temos uma importante *diferença* entre o Estruturalismo em sua versão mais tradicional associada ao Estruturalismo linguístico de Saussure e o método da *Arqueologia dos Saberes*. Posto que essa diferença se mede pelos próprios objetos e objetivos de cada programa, isto é, o sentido da noção de *Estrutura Linguística* posta pelos adeptos do pensamento de Saussure em cada uma das disciplinas pelo qual esse método foi aceito, e fez funcionar o conceito de Estrutura possuiu princípios teóricos e um objetivo de explicação muito diferente daquele contido na noção foucaultiana de Episteme.

Entende-se que a noção de Episteme delimitou um “espaço simbólico e profundo”¹⁴ onde os discursos postos pelos saberes estabelecem relações históricas modificáveis descontinuamente no tempo. Isto é, a Episteme “reúne” as relações discursivas em determinado período histórico justamente para mostrar como ocorre o processo de dispersão dos discursos produzidos nessas relações, contrariamente a uma Estrutura do tipo linguístico, a Episteme não deve ser reconhecida e associada a um conjunto ou modelo, delimitado pela somatória de elementos que compõe uma “unidade” para o *sentido-significativo*¹⁵ dos discursos. Mas, pela possibilidade de ordenação do campo discursivo sobre os saberes a partir da constituição histórica de relações.

Assim, na Episteme, os sentidos - significativos produzido entre as relações discursivas com o aparecimento dos saberes (ciências, objetos, sujeitos, teorias, métodos), ao invés de serem determinados e contidos em “formas” de significações representativas (signos, como conceitos ou palavras) a partir da aleatoriedade das relações discursivas, ao contrário, mas os saberes existem justamente através da dispersão temporal (histórica) de sentidos - significativos. Revel aponta para uma importante crítica quanto a interpretação da Episteme como um sistema unitário, coerente e fechado, pois essa perspectiva implica afirmar que existe uma certa coação ou uma “sobre determinação” rígida para a existência dos discursos.

¹⁴ DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas**, volume 8, O Século XX. São Paulo. Zahar Editora. 1974.

¹⁵ Como o filósofo já vinha afirmando desde a metade dos anos cinquenta, sua preocupação em descrever uma formação discursiva não se deve ao fato de mostrar o sentido – significativo dos discursos, mas mostrar suas condições de possibilidade. Cf: FOUCAULT, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. In: Ditos e Escritos, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011.

Ao contrário dessa perspectiva, a autora afirma que para Foucault a Episteme de uma época não representa a soma dos discursos e formas de conhecimento dessa época, isto é, o estilo geral de práticas científicas, ou não científicas para o conhecimento em uma época histórica, nesse sentido, o interesse conceitual do filósofo com o termo Episteme foi mostrar as variações, oposições e diferenças entre as múltiplas relações discursivas possíveis de serem postas num determinado período histórico.¹⁶

Contudo, foi somente após as críticas recebidas e posteriormente respondidas com a publicação de *A Arqueologia do Saber*, quando Foucault pôde dedicar-se a explicar como *não existem princípios de unidade* para os discursos quando investigados pelas descrições arqueológicas. Dessa maneira, a prática da análise arqueológica “anula” a unidade das relações entre os discursos, como por exemplo, em uma ciência. Dessa maneira, a dispersão de sentidos significativos produzidos nas relações discursivas pôde ser evidenciada durante as histórias arqueológicas de Foucault nos objetos e temas investigados, como por exemplo, o objeto loucura, a instituição médica, ou na psicologia como um saber, o homem e as ciências humanas, em suma, todos esses objetos foram compostos por relações discursivas derivadas por formações discursivas heterogêneas.

Então, se as relações discursivas existem como pontos de dispersão, pode-se pensar que os discursos são aceitos como sendo formados por relações que não foram postas por nenhum princípio de unidade. O aparecimento dos discursos como dispersão de sentidos e ausentes de princípios para sua unidade, implica que a descrição sobre as relações discursivas entre diferentes “formações discursivas” deva ser delimitada por *regularidades, ou regras de dispersão discursivas*.

Através da descrição da composição das relações entre os discursos como dispersão, e não pela unidade de seus sentidos, foi possível o filósofo mostrar (mesmo sem explicar detalhadamente) o momento das rupturas e transformações estruturais-epistemológicas entre as relações discursivas, e posteriormente como se deu a composição de uma nova organização para as relações discursivas entre os saberes, isto é, uma nova Episteme. Assim, Michel Foucault desenvolveu suas descrições com um interesse maior em conhecer as regularidades e *regras internas para a organização e*

¹⁶ REVEL. Judith. Foucault. **Un Pensamento de lo descontínuo**. Buenos Aires. Editora: Amorroutu. 2010. p. 34.

transformação dos discursos, ao invés de mostrar uma Estrutura universal que determine o significado dos discursos a partir da relação entre *Palavra e Coisa* (significante e signo) como um estruturalista Saussuriano.

Renascimento, Classicismo e Modernidade, além de nomenclaturas cronológicas para cada Episteme, representam que em diferentes períodos históricos, só pode existir *uma ordem* “espacial” para o estabelecimento das relações discursivas delimitada pela ordenação histórica dos saberes, sendo a existência dessa ordem epistemológica para os discursos sobre os saberes anterior a própria consciência humana. Dessa maneira, com a intenção em reconhecer um “*espaço*” para o saber, o conceito de Episteme foi introduzido a partir de uma *análise topológica*.

Assim, as *Epistemes* são descritas através das condições de possibilidade para existência de determinadas relações discursivas, para a partir disso, estabelecer as positivities referente aos objetos que podem tornar-se discurso. Cada época histórica possui suas próprias para o aparecimento dos saberes, e isso se explica em razão do *sentido – significativo* produzido com a distribuição das relações de vizinhança entre os saberes no espaço epistemológico de uma Episteme.

Dessa forma, Michel Foucault procurou se utilizar de uma linguagem estruturalista sem de fato ser um estruturalista, para descrever *relações estruturadas do saber em cada período histórico*, e demonstrar que grandes formas de pensar como marxismo, fenomenologia e o próprio estruturalismo não passam de formas discursivas determinadas por regras históricas para a organização dos saberes.

ESTRUTURALISMO – HISTÓRICO: A EPISTEME COMO “A PRIORI HISTÓRICO -EPISTEMOLÓGICO”

Michel Foucault situou sua pesquisa arqueológica numa posição metodológica estratégica com esse estilo de descrição discursiva, ele pôde efetuar tanto a prática de um estilo de estruturalismo, e ao mesmo tempo, realizar uma análise arqueológica da história das ciências a partir da descontinuidade histórica. Assim, a possibilidade em delimitar o uso de algum estruturalismo por parte do filósofo só poderia ser feita através de uma versão de um específico *Estruturalismo* introduzido em análises históricas, com o qual a noção de Episteme não seja correlacionada conceitualmente com a noção de Estrutura.

Nesse sentido, foi com a noção de *A Priori Histórico* tal como aparece em *As Palavras e as Coisas* e posteriormente em *A Arqueologia do Saber*, que tona possível estabelecer um paralelo entre a Arqueologia dos Saberes e a versão de um Estruturalismo – Histórico por parte de Michel Foucault em seus trabalhos nos anos sessenta. As descrições epistêmicas realizadas pelo filósofo através de sua arqueologia, foram feitas a partir de uma referência ofertada pelas condições históricas de organização de um espaço para os saberes no pensamento ocidental, isto é, a Episteme aproxima-se conceitualmente mais de um *A Priori Histórico* para os discursos, e menos de uma *Estrutura para a determinação dos saberes*.

Em *As Palavras e as Coisas*, o filósofo não procurou com suas descrições arqueológicas revelar um modelo estrutural para a determinação dos saberes que pudesse explicar o campo epistemológico em diferentes épocas como realidade estruturada, mas sim, as condições históricas presente nas relações discursivas *A Priori* para os objetos que aparecem no campo dos saberes.

Paul Veyne também reconheceu a qualificação conceitual de “*A priori Histórico*”, com o interesse em assimilar um efeito temporal de sucessão a Episteme. Isto é, a Episteme compreendida como um “*A Priori Histórico*” representa o espaço epistemológico para a organização das regras que instituem e excluem os discursos possíveis de acontecer.

O *A Priori Histórico* não escapa à historicidade: não constitui, acima dos acontecimentos, e em um universo inalterável, uma *Estrutura* intemporal: define-se como o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva: ora, essas regras que não se impõem do exterior aos elementos que elas correlacionam (como numa *Estrutura*): estão inseridas no que ligam: e se não se modificam com o menor dentre eles, os modificam, e com eles transformam em certos limiares decisivos. O *A Priori Histórico* não é somente um sistema de dispersão temporal; ele próprio é conjunto transformável.¹⁷

A delimitação conceitual sobre a Episteme que permite a aproximação com a noção de um *A Priori Histórico* e não de uma *Estrutura*, pode ser reconhecida de acordo com o filósofo pela descrição de um objeto de pesquisa representado como próprio *conjunto transformável* de dispersão dos discursos, posto por uma perspectiva histórico-filosófica que problematizou as reais condições históricas para o aparecimento dos saberes, “Nada, pois, seria menos exato, que conceber esse a priori histórico

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro. Editora: Forense Universitária. 2007. p. 145.

(Episteme) como um a priori formal (Estrutura) dotado de uma história imóvel e vazia (...)”.¹⁸

Dessa maneira, o que se visou com a noção de Episteme como um *A Priori Histórico*, foi mostrar por como foram os modos de ruptura, de articulação e coexistência das regras para organização entre os enunciados produzidos em diferentes formações discursivas sobre saberes como, as ciências, a literatura e a filosofia. Portanto, a noção de Episteme, define o espaço onde ocorre a reunião e a dispersão dos sentidos-significativos dos discursos sobre tudo aquilo que possa ser pensado e discursivizado, como também, quanto aos discursos e saberes do por-vir, os quais ainda poderão emergir e acontecer, ao menos por um instante¹⁹, através da ruptura e reorganização histórica da “estrutura epistemológica”.

O ESTRUTURALISMO COMO MÉTODO HISTÓRICO – EPISTEMOLÓGICO PARA UMA ARQUEOLOGIA DOS SABERES

Após a delimitação do conceito de Episteme como um *A Priori Histórico* e não como uma Estrutura, o objetivo nesse item é mostrar como a *Arqueologia dos Saberes* pôde ser utilizada como um procedimento de pesquisa correlato a nível *metodológico* das análises estruturalistas, posto, através de uma perspectiva histórica sobre as rupturas e a mudanças entre os saberes obtida com a noção de Episteme.

Michel Foucault, em *As Palavras e as Coisas*, esteve motivado pelo interesse de realizar uma história (arqueologia) dos discursos sobre as ciências através de uma abordagem *descontínua*, isto é, mostrar as relações discursivas que fizeram aparecer e desaparecer os saberes que resultaram no surgimento do *homem*, das *ciências humanas* e do *Estruturalismo*. Para realizar essa tarefa, o arqueólogo dos saberes pôde descrever exclusivamente conjuntos de relações histórico-discursivas (*enunciados*) entre os saberes *científicos, filosóficos e literários* produzidos pela cultura ocidental entre três Epistemes. Com essa temática definida para análise arqueológica, Michel Foucault mostrou como foram constituídas historicamente as diferentes formações discursivas dos saberes ocidentais através do “arranjo” estrutural das *relações posicionais*

¹⁸ FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7ª Edição. Rio de Janeiro. Editora: Forense Universitária. 2007. p. 145.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. Entrevista com Madeleine Chapsal. In: Ditos e Escritos, volume VII. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1ª Edição. 2011.

estabelecidas historicamente e topologicamente entre os discursos dos saberes que compõem determinada *Episteme*.

Dessa maneira, a partir da distinção que apresentamos como diferença teórica e metodológica entre o *Estruturalismo Linguístico* e a *Arqueologia dos Saberes* posta pela distância conceitual entre *Estrutura Linguística* e *Episteme*, vamos mostrar nesse item, levando em consideração que o Estruturalismo na abordagem foucaultiana parte de um fundamento histórico a partir da objetivação da noção de *Episteme*: Como Michel Foucault desenvolveu em sua arqueologia dos saberes uma prática de pesquisa em nível teórico – metodológico próximo (epistemologicamente) ao Estruturalismo?

Em uma entrevista em 1967, Michel Foucault delimita o objetivo de sua pesquisa e a proposta metodológica empregada em *As Palavras e as Coisas*. De acordo com o próprio filósofo, essas descrições foram possíveis de serem praticadas a partir da introdução de uma metodologia e de uma linguagem estruturalista em domínios como o da história das ideias e das ciências.²⁰

O que tentei fazer foi introduzir análises de estilo estruturalista em domínios dos quais elas não haviam penetrado até o presente, ou seja, no domínio da história das ideias, da história dos conhecimentos, da história da teoria. Nessa medida, fui levado a analisar em termos de estrutura o nascimento do próprio estruturalismo.²¹

A citação acima corresponde a uma espécie de resumo geral do livro de 1966, Foucault fez uma referência com relação aquilo que ele havia feito, tanto do ponto de vista metodológico, como também, com relação a um dos objetivos que sua análise o conduziu em *As Palavras e as Coisas*. Dessa forma, não foram poucos os comentadores dos escritos e do pensamento de Michel Foucault que procuram ler em seu trabalho arqueológico aspectos e características que permitiram o reconhecimento de desenvolvimento de análises estruturais-epistemológicas durante suas histórias arqueológicas²² para fazer uma história das ciências sobre o próprio Estruturalismo.

²⁰ FOUCAULT, Michel. A filosofia estruturalista permite diagnosticar que é a atualidade. In: Ditos e Escritos volume II. **Arqueologia das ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Rio de Janeiro. Editora: Forense Universitária. 2014. p. 60.

²¹ FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011. p. 62.

²² DOSSE, François. **História do Estruturalismo. O campo do Signo**. Bauru. Editora. Edusc. 2007. E também com: DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET,

Durante a pesquisa arqueológica desenvolve-se uma prática analítica - descritiva semelhante a uma análise estruturalista a partir de *uma técnica para isolar determinadas relações discursivas*²³, que sejam correlativas e possam *compor um quadro, ou uma série* entre os *discursos* deixando em relevo *as mudanças nas regras estruturais* para organização dos discursos no decorrer do tempo.²⁴

Assim, o filósofo pôde *fazer do Estruturalismo um duplo* em *As Palavras e as Coisas*. Isto é, na medida em que ao mesmo tempo que o interesse pelo estruturalismo como mostramos representou um dos objetos de sua pesquisa, tendo em vista que o estruturalismo correspondeu a uma etapa contemporânea para a história das ciências, somou-se o interesse em compor um método híbrido de pesquisa entre o Estruturalismo e a Epistemologia, para realizar uma *arqueologia* sobre saberes com a introdução no campo da história de uma análise histórico-estrutural que fosse capaz de mostrar as rupturas e transformações epistemológicas que ocorrem de maneira descontínua na história das ciências.

Com essa técnica empregada na abordagem descritiva dos discursos, pode-se conhecer os “limites” entre as formas de linguagem que delimitaram a existência histórica das diferentes epistemes. Ou seja, é no espaço limiar, onde ocorrem as transformações a partir das mudanças linguísticas-epistêmicas, que podem ser encontrados e isolados os conteúdos discursivos para uma análise *estrutural-histórica* das transformação, mudanças e rupturas para aparecimento de uma nova ordem para o saber.

Portanto, diante das circunstâncias metodológicas e temáticas expostas, torna-se possível considerar Michel Foucault como um praticante de um estilo singular de análise estrutural, isto é, momentaneamente ao desenvolvimento de sua pesquisa arqueológica o estruturalismo pode lhe servir como componente metodológico a partir

François. **História da Filosofia: Ideias e Doutrinas, volume 8, O Século XX**. São Paulo. Zahar Editora. 1974.

²³ Para Dreyfus e Rabinow o interesse de Michel Foucault pelo *Estruturalismo* se justifica na prática de suas próprias descrições discursivas do período arqueológico, no qual seu interesse estava centrado na “*análise de sistemas institucionais e práticas discursivas historicamente e estruturalmente situado*”. Cf: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Editora: Forense Universitária. 3º Edição. 2010. p. XXIII.

²⁴ FOUCAULT, Michel. Retornar a História: In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3º Edição. 2013. p. 299.

de uma temática disponibilizada pela história das ciências, para mostrar o aparecimento do próprio estruturalismo ao campo dos saberes em *As Palavras e as Coisas*.²⁵

A ARQUEOLOGIA DOS SABERES COMO MÉTODO HISTÓRICO-ESTRUTURAL: MUDANÇA E RUPTURA

Michel Foucault afirmou ter introduzido análises do tipo estrutural nos domínios da história para fazer uma história filiações discursivas relativas as ciências humanas²⁶. Dessa maneira, a problemática que vamos desenvolver nesse item parte da seguinte questão: Como Michel Foucault pôde se utilizar de um método Histórico – Estruturalista para explicar as rupturas e mudanças de maneira descontínua entre uma Episteme e outra?²⁷

O método arqueológico desenvolvido por Foucault através das descrições documentais sobre formações discursivas heterógenas amplia a periodizações dos acontecimentos, permitindo dessa maneira a análise de transformações e rupturas históricas não percebidas pelos métodos tradicionais sobre a história.²⁸ Isto é, a partir de uma nova leitura documental que faça aparecer “séries” ou “quadros” históricos mais amplos, pelo qual, novos acontecimentos e transformações históricas podem ser conhecidos.²⁹

Michel Foucault preservou o sentido histórico e transformável das relações discursivas que constituem os saberes de uma época³⁰, com essa técnica, a apropriação do estruturalismo na arqueologia dos saberes mostrou como as relações entre os discursos e a formação dos saberes obtém seu fundamento teórico – metodológico em

²⁵ FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. 9º Edição. São Paulo. Martins Fontes. 2007

²⁶ FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista permite diagnosticar o que é a Atualidade? In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011

²⁷ Essa questão não foi respondida nem explicada em *As Palavras e as Coisas*, contudo em textos posteriores como: *Linguística e Ciências Sociais, Retornar a História, Resposta a uma Questão e A Arqueologia do Saber*, Michel Foucault se propôs a explicar como ele pôde fazer do Estruturalismo um método para a análise histórica sobre as mudanças e rupturas epistêmicas.

²⁸ FOUCAULT, Michel. Retornar a História. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011

²⁹ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro. Editora: Forense Universitária. p. 8-9. 2007.

³⁰ DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2º Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.

uma análise centrada na descrição dos discursos com a intenção contrária em isolar elementos, relações e Estruturas para mostrar o “não – sentido e a aleatoriedade significativa dos discursos”.

Dessa forma o “arqueólogo - estruturalista” deve observar e descrever as condições de produção e existência dos discursos sobre os saberes entre uma Episteme e outra, mas não para “positiva-los” em seus conteúdos significativos no que se refere a produção de verdades sobre os discursos legitimados cientificamente³¹. Mas, colocá-los em *relação correlativa* demarcando sua “dispersão” através do processo de “ruptura epistêmica” entre o sentido dos discursos para o restabelecimento de uma nova ordem epistêmica. Nesse sentido a arqueologia mostra as *diferenças* entre as práticas discursivas e os discursos sobre os saberes em diferentes períodos históricos através da organização das regras descontínuas e sem uma lógica que determine racionalmente o aparecimento dos discursos nas Epistemes.

Ao contrário de uma concepção linear sobre a história das ciências, através do “estruturalismo-histórico” introduzido na arqueologia, as transformações históricas que ocorrem entre um período e outro e em campos discursivos diferentes, podem ser compreendidas *não como* transformações *derivadas* ou *consequenciais* com relação aos saberes anteriores, mas, através de rupturas abruptas entre relações discursivas, as quais expressam transformações *correlativas* entre os saberes de um período e outro.

Assim, o “estruturalismo histórico” de Michel Foucault ao encontrar o limite de ruptura entre Epistemes mostra mesmo sem apresentar uma explicação causal como se deu a transição de uma Episteme para outra. Michel Foucault não dedicou-se a esclarecer as causas das mudanças e transformações epistêmicas, ele apenas mostrou as sucessões entre diferentes regimes de racionalidade epistêmicos, essa ausência de explicação não corresponde a uma tendência ao obscurantismo, ou falha teórica por parte do filósofo, pois de acordo com o fundamento de suas descrições, qualquer explicação sobre as causas das mudanças epistêmicas só teria sentido em uma Episteme específica a partir de suas referências, isto é, toda explicação sobre essa mudança em nada acrescentaria a compreensão de uma nova formação epistemológica posterior.³²

³¹ DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 115.

³² Ibid., p. 39.

Podemos exemplificar essa perspectiva de Michel Foucault sobre o estruturalismo como método que possa mostrar a mudança epistêmica, contudo sem explicá-la:

Seja um estado *A* da língua, estado caracterizado por um número certo de traços. Seja atualmente um estado *B*, no qual se constata que houve tal mudança e que, em particular, o elemento *a'* foi transformado em *a''*. Neste momento, os linguistas constatarem que essa mudança é sempre correlativa de outras mudanças (*b'* em *b''*, *c'* em *c''* etc.). A análise estrutural não consiste então em dizer: a mudança de *a'* em *a''* provocou a série de mudanças, *b'* em *b''*, e *c'* em *c''*, e sim: não se pode encontrar a mudança de *a'* em *a''*, sem que haja igualmente a mudança de *b'* em *b''* de *c'* em *c''* etc. (...) O Estruturalismo – isso acaba de ser dito aqui, dessa vez de maneira sistemática e com vigor – longe de se opor a mudança – ou seja, à história – é apenas uma modalidade de análise da mudança, uma modalidade de análise que a “precipita” de alguma forma e permite dar conta dela.³³

Dessa maneira foi possível Foucault se utilizar da arqueologia dos saberes através de uma análise estrutural para mostrar as rupturas e transformações históricas que em uma perspectiva linear e causal sobre a história não seria possível. Nesse sentido a partir dessa perspectiva sobre a história através de um pensamento estrutural Michel Foucault pôde pensar as relações discursivas entre os saberes que comumente foi reunida em estudos históricos por conjuntos como séculos, mentalidades e espírito do tempo acabam por ocupar e dispersa-se em diferentes Epistemes através das reorganizações das regras de posição entre as Epistemes.

Portanto, Michel Foucault pôde mostrar como saberes que são aparentemente distintos e desconexos, possuem pontos de contato e influências uns sobre os outros, como por exemplo, com o *triângulo dos saberes* e a constituição da figura do homem. Dessa maneira, ao realizar uma arqueologia dos saberes foi possível estabelecer a nível das relações discursivas e não dos objetos pelos quais essas relações se organizam, o filósofo estabelecer uma homogeneidade na heterogeneidade dessas relações entre os saberes sobre o homem.

CONCLUSÃO

Conclui-se com relação aos escritos desenvolvidos por Michel Foucault e a prática do estruturalismo, que durante seu período de produção da pesquisa

³³ FOUCAULT, Michel. Linguística e Ciências Sociais. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011. p. 175.

arqueológica ele pôde *estar* no estruturalismo sem de fato ser um estruturalista. Pois, dessa forma, ele pôde estar num “lugar”, ou, numa posição teórico-metodológica³⁴, pela qual, não foi necessário compartilhar dos pressupostos de uma filosofia, ou prática científica fundada exclusivamente na racionalidade do sujeito. Ao colocar-se numa posição ao lado dos estruturalistas, Foucault, pôde desenvolver sua arqueologia dos saberes para fazer uma história estrutural das filiações discursivas.

Nesse aspecto Foucault, sem de fato *ser* um estruturalista, pode ao menos com a possibilidade de, *estar ao lado dele, mas não nele*,³⁵ em outra entrevista, e essa já em 1969, intitulada, *Michel Foucault Explica seu Último Livro*, podemos encontrar uma descrição do filósofo quanto a composição das pesquisas estruturalistas justamente pelo fato de seus trabalhos apresentarem uma recusa a teoria do sujeito e não necessariamente por desenvolver análises estruturais que revelem estruturas – sistêmicas. E pelo qual pode-se inserir seu método arqueológico:

Penso que atualmente o estruturalismo se inscreve no interior de uma grande transformação do saber das ciências humanas, que essa transformação tem por ápice menos a análise das estruturas do que o questionamento do estatuto antropológico, do estatuto do sujeito, do privilégio do homem. E meu método se inscreve nesse quadro dessa transformação da mesma forma que o estruturalismo – ao lado dele, não nele.³⁶



Dessa maneira, a *estratégia* de adesão ao estruturalismo realizada por Michel Foucault não foi desenvolvida necessariamente pelo interesse em praticar análises estruturais, mas, para situar-se junto aos estruturalistas e em oposição aos praticantes da fenomenologia associada ao sujeito, tomando partido no coração de um debate teórico na França e colocando-se ao lado dos principais personagens que marcaram a renovação das ciências humanas e da filosofia.

Nesse sentido, a manipulação por parte de Foucault de alguns conceitos durante sua pesquisa arqueológica como: descontinuidade histórica, ruptura epistemológica, e estruturas de experiência, quando usados no contexto dos anos sessenta, lhe renderam uma identificação, entre um pesquisador da história das ciências

³⁴ Mesmo que motivado por uma questão política – epistemológica de contrariedade as filosofias do sujeito, e não por uma real paixão pelo sistema e pela estrutura.

³⁵ FOUCAULT, Michel. Michel Foucault Explica seu Último Livro. In: Ditos e Escritos volume 2. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária 3º Edição. 2013. p. 159.

³⁶ Ibid., p. 159.

com um objetivo epistemológico, e ao mesmo tempo, um estruturalista pela aplicação de alguns procedimentos metodológicos estruturais ao delimitar o nascimento do próprio estruturalismo, a partir de suas histórias arqueológicas-epistemológicas.

Assim, mesmo que Michel Foucault nunca tenha realizado em suas pesquisas arqueológicas análises das quais ele tenha recorrido ao conceito de Estrutura enquanto *sistema*. Dessa maneira, ele situou momentaneamente seu trabalho arqueológico ao lado dos trabalhos estruturalistas através introdução de uma linguagem estrutural no domínio da história das ciências tendo como conceito chave a noção de Episteme, a qual permitiu ao filósofo fazer do Estruturalismo seu objeto de pesquisa, e não o programa teórico -metodológico para uma arqueologia dos saberes.

A qualificação do pensamento e do trabalho de Foucault em sua pesquisa arqueológica junto ao estruturalismo no contexto de produção de *As Palavras e as Coisas* representou mais uma adequação conjuntural a *corrente estruturalista*, que em 1966 chegou ao seu ápice em termos de fertilidade produtiva e recepção crítica pelo campo intelectual³⁷ do que necessariamente o desenvolvimento de um método sobre Estruturas como fizeram Strauss e Lacan no decorrer de suas obras. Assim, demarcar uma posição teórico metodológica próxima aos estruturalistas em seus trabalhos pôde lhe garantir, tanto a legitimação diante das demais pesquisas desse período, como um lugar de destaque no movimento científico que estava reorientando o pensamento europeu.

Atuando então a partir de uma prática metodológica semelhante a de um estruturalista junto a uma perspectiva de pesquisa sobre seu objeto (campo discursivo), similar ao de um historiador das ciências, o arqueólogo Michel Foucault, ao analisar as relações discursivas através da sucessão histórica de descontínua das Epistemes entre os saberes realizou em *As Palavras e as Coisas*, um procedimento de análise histórico -estrutural sobre a organização dos discursos entre os saberes de diferentes épocas. Essa tarefa foi realizada a partir da introdução de uma *linguagem estrutural*³⁸ com a qual

³⁷ Nunca é demais lembrar que em 1966 não foram poucos os intelectuais que desenvolveram estudos sobre os fundamentos teórico – metodológico com relação ao estruturalismo,

³⁸ FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011. p. 62.

Foucault pôde descrever numa abordagem histórica - relacional³⁹ as Epistemes: Renascentista, Clássica e Moderna.

Assim, conclui-se, que foi com essa complexa relação estabelecida com o estruturalismo ao ser abordado pelo filósofo ao mesmo tempo, como um componente teórico do *método* arqueológico, e como *objeto de sua arqueologia*. Foi possível através dessa dupla perspectiva Michel Foucault desenvolver e estabelecer momentaneamente uma específica relação com o estruturalismo como ele mesmo definiu entre: “distância e reduplicação, ou seja, de distância, já falo dele em vez de praticá-lo diretamente, e de reduplicação, já que não quero falar dele sem falar sua linguagem”⁴⁰, logo, essa estratégia permitiu de maneira singular ao filósofo, *estar* no Estruturalismo, sem *ser* absolutamente um Estruturalista ao desenvolver suas histórias arqueológicas.



www.revistafenix.pro.br

RECEBIDO EM: 29/12/2017

PARECER DADO EM: 30/01/2018

³⁹ DELEUZE, Gilles. Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo? In: CHATELET, François. **História da Filosofia: Idéias e Doutrinas**, volume 8, O Século XX. São Paulo. Zahar Editora. 1974.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. A Filosofia Estruturalista Permite Diagnosticar o que É “a Atualidade”. In: Ditos e Escritos, volume II. **Arqueologia das Ciências, e História dos Sistemas de Pensamento**. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1º Edição. 2011. p. 62.